
O processo de industrialização do Paraná até a década de 1970

Claudio Roberto Braguetto*

RESUMO

O artigo procura analisar o processo de industrialização do Paraná até o final da década de 1970. A periodização deste processo consistiu de um item sobre a industrialização do Paraná até a década de 1930, em seguida a industrialização da década e 40 à década de 60 e finalizando, a industrialização do Paraná na década de 70.

PALAVRAS-CHAVES: industrialização do Paraná, estrutura industrial, localização espacial da indústria, divisão territorial do trabalho

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal, analisar o processo de industrialização do Paraná até o final da década de 1970, procurando enfatizar as transformações ocorridas na estrutura industrial do Estado, assim como as alterações na localização espacial da indústria.

2. A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ ATÉ A DÉCADA DE 30

Neste período a indústria do Estado mantinha-se ligada aos recursos naturais como o mate e a madeira, estando voltada para mercados externos, do exterior ou do resto do país, pouco tendo a ver com a base e a dimensão de um mercado local. Em 1907, a indústria paranaense representava 4,5% do valor da produção da indústria nacional, o que segundo Wilson Cano, citado por LEÃO (1989, p. 31) revela,

uma 'concentração por especialização natural' antes que uma indústria cedo implantada e à semelhança de São Paulo. Neste ano, o preparo de erva-mate representava 48,9% da produção industrial do Estado.

No que se refere ao mate, PADIS (1981, p.42) diz que a partir de 1804 já se encontram referências à exportação brasileira, fundamentalmente para o Uruguai e Argentina. Porém, o mate exportado era apenas cancheado, já que somente em 1815 instalou-se o primeiro engenho de mate em Paranaguá e em 1821 surge o segundo.

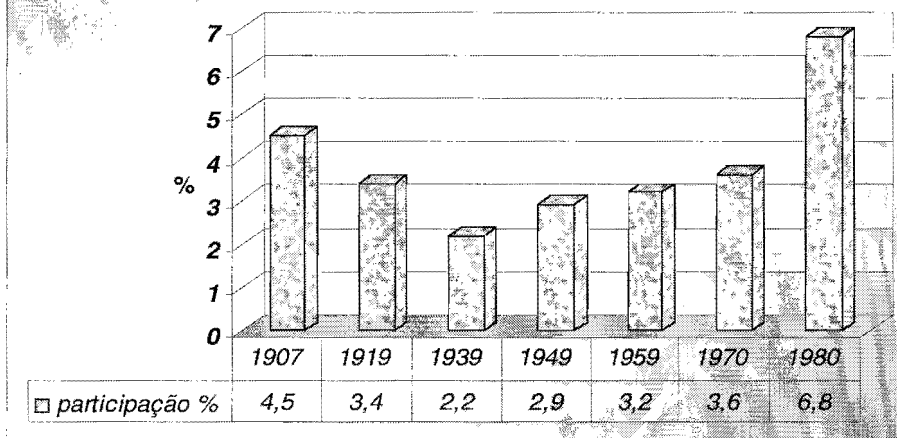
Segundo o relatório do Presidente da Província, em 1854 já existiam 90 engenhos de socar mate, portanto, nos 40 anos que se passaram desde a instalação do primeiro engenho de mate, o crescimento econômico da agora Província do Paraná, havia sofrido uma alteração significativa.

Nestas circunstâncias, fica evidente que a receita pública era diretamente determinada pelos impostos advindos da atividade ervateira, pois, de 1892 a 1915 o comportamento do imposto sobre exportação na receita estadual total e da participação da erva-mate são exatamente iguais, ou seja, as crises de exportação do mate ou períodos de expansão, se refletem na mesma proporção no total dos impostos sobre exportação.

Esta dependência bastante acentuada da indústria do Estado à erva-mate, fez com que o declínio na produção da mesma, refletisse na queda da participação da indústria paranaense na indústria nacional para 3,4% em 1919, e 2,2%, em 1939. (Figura 1)

* Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina – Caixa Postal 6001 – CEP 86051-990 – Londrina Pr. e-mail: braguetto@geo.uel.br

**FIGURA 01 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA
INDÚSTRIA DO PARANÁ EM RELAÇÃO AO
TOTAL DA INDÚSTRIA NACIONAL - 1907/1980**



Fonte dos dados: Publicações do IPARDES.

Org.: Claudio R. Braguetto

Conforme dados apresentados por PADIS (1981, p.58), a participação do mate no valor das exportações do Estado, passa de um máximo de 98% em 1901/2 para 48% em 1925/6. As causas desta queda acentuada a partir da segunda metade da década de 1910, podem ser resumidas da seguinte forma:

- início do cultivo do mate na Argentina em 1913;
- queda geral das exportações causadas pela Primeira Grande Guerra;
- campanha contra o produto paranaense em função do constante problema de impurezas;
- novas barreiras impostas pela Argentina e Uruguai para a entrada da erva beneficiada em seus mercados.

Após uma recuperação ocorrida em função do término da primeira guerra, em 1931 a Argentina proíbe a importação da erva-mate, fazendo as exportações despencarem, começando a liquidação da economia ervateira no Estado.

- Quanto à madeira, a mesma passou por períodos de oscilações acentuadas, causadas por:
- dificuldades no transporte, em função da má qualidade das estradas e do elevado custo dos fretes;
 - nestas circunstâncias o pinho do Paraná chegava no porto do Rio de Janeiro com preços mais elevados que a maioria das madeiras importadas;
 - descrédito do pinho paranaense em função da má qualidade ocasionada pela falta de cuidados técnicos.

Conforme dados apresentados por PADIS (1981, p.56), no período que vai de 1916 a 1925,

a exportação da madeira vai assumir maior importância, chegando neste último ano a representar quase 11% dos impostos sobre exportação do Estado. No entanto, a observação mais cuidadosa dos dados possibilita pensarmos que esse crescimento ocorreu muito mais pela queda da participação do mate, do que por um aumento substancial nas quantidades exportadas.

Somente mais tarde, quando se intensifica a ocupação do Norte e Sudoeste do Estado, a madeira readquirirá maior importância.

Sintetizando a situação econômica do Estado neste período, LEÃO (1989, p.32), se referindo ao mate e ao pinho, diz que:

... A forma de fabrico desses produtos indica que se trata de uma economia débil, com pequeno desenvolvimento capitalista. As instalações industriais são rudimentares, com nível tecnológico reduzido, incapazes de enfrentar condições de concorrência pouco mais difíceis. Ao mesmo tempo, a infraestrutura econômica do Estado era extremamente deficiente, deixando de garantir condições mínimas para que os produtos de exportação concorressem no mercado. O Norte do Paraná apenas iniciava sua ocupação, e o restante do Estado apresentava uma agricultura pouco dinâmica e com baixo grau de mercantilização, incapaz de gerar mercados com uma dimensão indutora do investimento industrial.

2.1. A localização espacial da indústria

Neste período, naturalmente que, pela própria estrutura da indústria e pelo movimento de ocupação ocorrido até então, a indústria estava localizada espacialmente na porção do Estado conhecida como Paraná Velho, especialmente nos arredores de Curitiba e em Paranaguá.

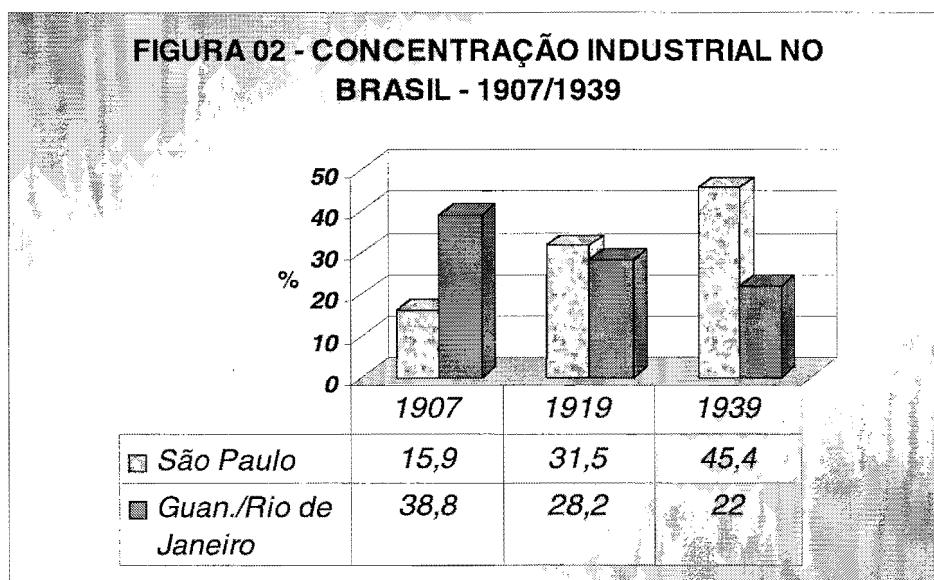
Um fato importante que irá refletir diretamente na localização da indústria ervateira vai ocorrer na segunda metade da década de 50 do século passado, quando é concluída a reconstrução da estrada da Graciosa, que ligaria mais facilmente Curitiba ao Litoral.

Concluída a estrada alguns anos depois, um interessante fenômeno irá ocorrer; o da transferência, para o planalto, da quase totalidade dos engenhos beneficiadores de mate que se encontravam no litoral. (PADIS, 1981, p.50)

3. A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ DA DÉCADA DE 40 À DÉCADA DE 60

Segundo GOLDENSTEIN & SEABRA (1982, p.30), inicia-se na década de 30 uma segunda fase de desenvolvimento da realidade econômica brasileira correspondente à formação do mercado nacional e, portanto, ao processo de unificação do espaço brasileiro e de sua efetiva regionalização interna.

Neste período, chamado por CARDOSO DE MELLO (1982) de “industrialização restringida”, o desenvolvimento industrial apresenta a tendência de concentrar-se principalmente na região Sudeste, pois, ao iniciar-se a década de 30, São Paulo e Rio de Janeiro concentravam quase 60% da produção industrial brasileira, enquanto em 1939 os dois estados já produziam 67,4% (dos quais 45,4% já se concentrava em São Paulo). (Figura 02)



Fonte dos dados: Goldenstein e Seabra (1982)

Org.: Claudio R. Braguetto

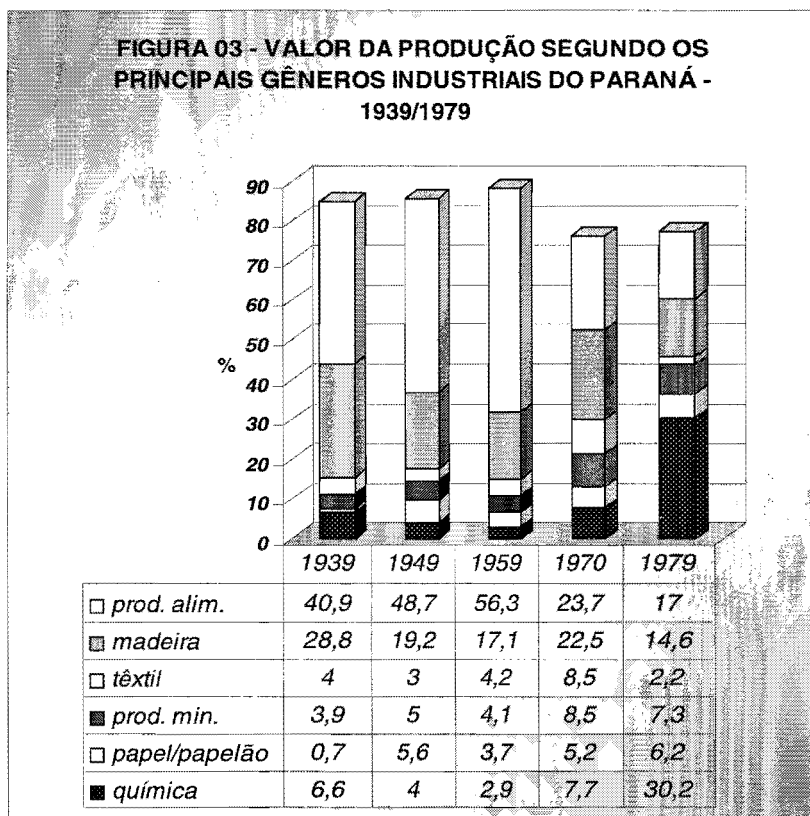
As razões dessa concentração se prendem quer à determinação de natureza estritamente econômica, quer à atuação política da burguesia industrial dentro do aparelho do Estado e ainda da competição que se desencadeia entre os ramos têxtil e alimentício (agroindústria açucareira, por exemplo) que se encontravam razoavelmente dispersas pelo país.

Na medida em que, através da política do governo federal, desapareciam as restrições impostas pelos Estados e até municípios à circulação das mercadorias; na medida em que

a abertura de estradas de rodagem e a ligação ferroviária com o Sul do país rompiam as barreiras físicas que, pelos custos de transportes protegiam os mercados regionais, as mercadorias, da indústria e da agricultura do Sudeste começam a competir decisivamente com as produzidas pelas demais regiões e, em razão de suas vantagens comparativas (escala e tecnologia de produção), provocam uma crise mais ou menos geral nessas indústrias regionais, debilitando e mesmo encerrando a atividade de muitas. (GOLDENSTEIN & SEABRA, 1982, p.31).

Naturalmente que não houve um efeito imediato sobre a economia paranaense, no sentido de desarticulação da indústria, mesmo porque esta era muito inexpressiva, além de ser, quase que exclusivamente, vinculada ao extrativismo de produtos nativos. No entanto, garantiram um "mercado cativo" aos produtos industriais do Sudeste, fundamentalmente São Paulo, e o deslocamento de capitais excedentes (sem condição favorável de valorização na região) para o Sudeste, principalmente do Norte do Estado.

Por outro lado, o crescimento industrial paranaense entre 1939 e 1949, é explicado pela ocupação do Norte do Estado e o estímulo consequente às atividades de beneficiamento de café (CARNEIRO (1954, p.18), LEÃO (1989, p.32). Os dados da Figura 3 reforçam a afirmação dos autores, já que percebemos claramente que os gêneros industriais mais importantes estão, direta ou indiretamente, vinculados à atividade cafeeira.



Fonte: dados de 1939 a 1959 – AUGUSTO (1978)

dados de 1970 a 1979 – IPARDES (1982)

Org.: Claudio R. Bragueto

Neste período a taxa de crescimento industrial do Paraná (10%) é superior à de São Paulo (9,8%). O Brasil cresce 7,8% e o Brasil exceto São Paulo, 6,2%. Lembremos todavia que quando nos referimos ao crescimento da indústria paranaense estamos falando em agroindústria com baixo grau de elaboração de matéria-prima.

Neste sentido, como afirma LOURENÇO (1988, p.5),

...quando ocorre sua expansão, o norte cafeeiro, ligado à economia paulista, não dispunha de condições para sustentar um forte crescimento industrial. A economia regional caracterizava-

se pela transferência de sua produção agrícola para São Paulo e pela aquisição de produtos manufaturados desse Estado.

Quanto às regiões paranaenses de povoamento mais antigo, o mesmo autor diz que:

... a ausência de indústrias dinâmicas na região pode ser atribuída à inexistência de mercados, à escassez de excedentes financeiros que pudessem ser investidos na indústria e às precárias condições de infra-estrutura de transporte e geração de energia elétrica. Destaca-se ainda a presença da região

Sudoeste, onde pequenos e médios proprietários gaúchos e catarinenses- pouco vinculados ao mercado devido às restrições de infra-estrutura viária iniciavam seu processo de ocupação.

Assim, no início dos anos 60, o Paraná apresentava uma indústria rudimentar, com predomínio dos produtos alimentares, que em 1959 representava 56,35% do valor da produção, e indústria da madeira com 17,15%. Estas indústrias se dedicavam ao primeiro processamento, principalmente beneficiamento de café e madeira, utilizando-se de tecnologia pouco elaborada, apresentando reduzida escala de produção e destinando a produção fundamentalmente aos mercados locais.

Politicamente, o Paraná tenta superar essa situação frágil dos anos 60, montando um modelo de desenvolvimento próprio, que se materializa na criação da Companhia de Desenvolvimento do Paraná – CODEPAR, em 1962, transformada em 1968 em banco de desenvolvimento (BADEP).

A CODEPAR surge num contexto onde é reconhecida uma função econômica a ser exercida pelo aparelho estatal, a qual assume duas direções: a primeira no sentido de tornar possível e mais rentável a atividade industrial, através da instalação da infra-estrutura necessária e a segunda, funcionar como empresa financiadora das atividades industriais.

Com a transformação da companhia no BADEP, segundo AUGUSTO (1978: introdução), o projeto inicial, com ênfase na substituição de importações, no privilegiamento do capital “estadual” e dos pequenos e médios empreendimentos foi deslocado

pela ênfase à complementariedade ao “pólo” nacional, ao privilegiamento do grande capital, de qualquer origem.

No entanto, como a própria autora coloca, antes mesmo dessa mudança, a direção em que se encaminhou a concessão de financiamentos industriais já se manifestava inversa às diretrizes iniciais. Fato que sem dúvida contribuiu para esta mudança de rumo foi o golpe de 1964, que cassou os mandatos de todos os parlamentares opositores do governo Ney Braga.

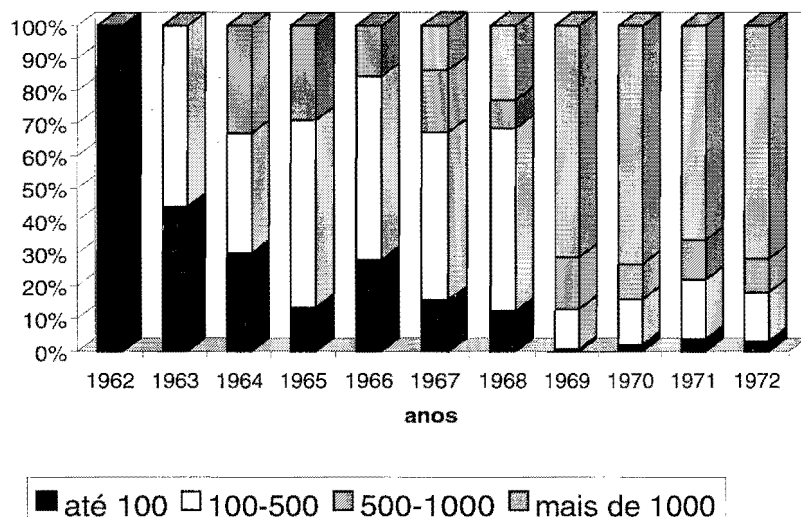
Conforme aponta AUGUSTO (1978, p.164), utilizando-se dos critérios definidos pela CODEPAR em 1962, que considerava empresa grande aquela em que o investimento novo ultrapassava NCR\$ 500 mil; média aquela em que o investimento novo se situa entre NCR\$ 100 e 500 mil e pequena aquela que atinge até NCR\$ 100 mil, verifica-se que o privilegiamento à pequena empresa mantém-se apenas no primeiro ano de atividade da companhia, subindo progressivamente o volume de investimentos destinados à média empresa, para, já a partir de 1964, mas com preponderância crescente depois de 1967, localizar-se no empreendimento de grande porte. Ou seja, conforme o critério apontado acima, as grandes empresas que em 1966 concentraram apenas 15,5% dos recursos financeiros, em 1967 já absorveram 32,7% do mesmo. Com a criação do BADEP, esta tendência fica nítida, pois, já em 1969, as grandes empresas concentram 87,1% dos recursos concedidos, e destas, as com investimentos superiores a NCR\$ 1.000 mil, concentraram 71,2% dos recursos. (Tabela 1 e Figura 4)

Tabela 1 – Concentração (%) dos financiamentos da CODEPAR/BADEP – 1962/1972.

anos	INVESTIMENTOS EM NCR\$			
	até 100	100-500	500-1000	mais de 1000
1962	100	0	0	0
1963	44,3	55,7	0	0
1964	30	37	33	0
1965	13,3	57,7	29	0
1966	27,9	56,6	15,5	0
1967	15,7	51,6	19,1	13,6
1968	12,3	56,2	8,6	22,9
1969	0,6	12,3	15,9	71,2
1970	1,9	14	10,8	73,3
1971	3,7	18,2	12,2	65,9
1972	3	15	10,3	71,7

Fonte: AUGUSTO (1982)

FIGURA 04 - CONCENTRAÇÃO DOS FINANCIAMENTOS DA CODEPAR/BADEP - 1962/1972



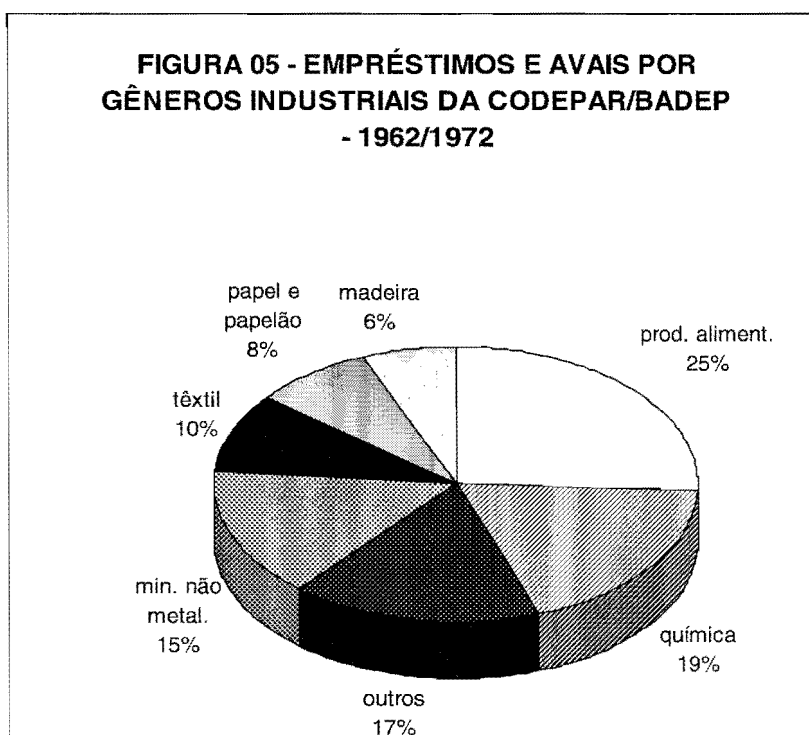
Fonte dos dados: AUGUSTO (1982)

Org.: Claudio R. Braguetto

Quanto ao gênero de indústria beneficiado pelos financiamentos da CODEPAR/BADEP, considerando que a produção de óleos vegetais consta do gênero “indústrias químicas”, verifica-se que a política de industrialização daqueles órgãos se direcionou para a transformação da

produção agropecuária do Estado. Pois, o gênero de indústria química, juntamente com a indústria de produtos alimentares, concentraram no período de 1962 a 1972, 44,7% do valor dos financiamentos. (Figura 5)

FIGURA 05 - EMPRÉSTIMOS E AVAIS POR GÊNEROS INDUSTRIAIS DA CODEPAR/BADEP - 1962/1972



Fonte dos dados: AUGUSTO (1982)

Org.: Claudio R. Braguetto

Segundo AUGUSTO (1978, p.194) este privilégio das indústrias baseadas nos produtos agrícolas, representa

... uma redefinição da 'vocalização agrícola' do estado; procurar-se-á o incentivo a grandes empresas, independentemente de sua origem, não mais buscando a substituição de importações mas (...) fortalecendo a agro-indústria. A industrialização do Paraná acompanhará então, no quadro de uma alteração na divisão nacional do trabalho, a forma como se dá a industrialização no Brasil, através do aproveitamento da matéria-prima agrícola do Estado.

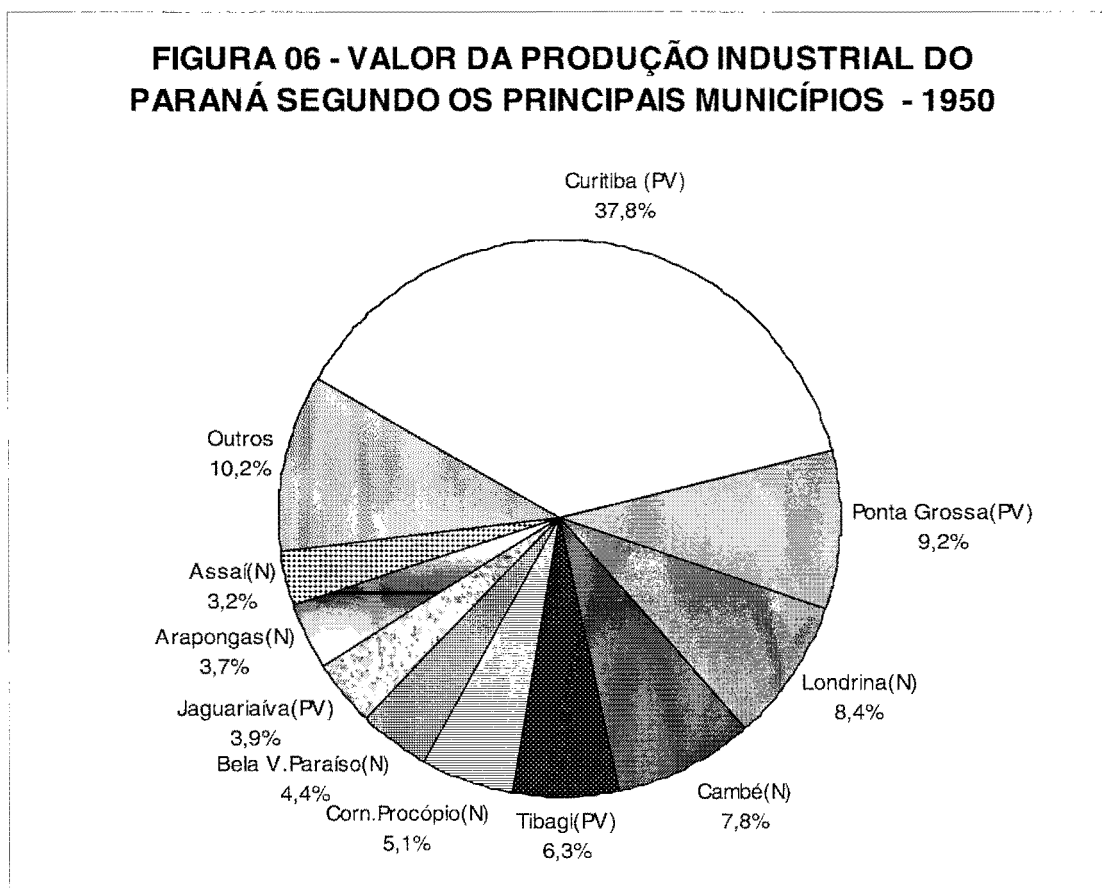
Apesar da atuação da CODEPAR, nos anos sessenta, o ritmo de crescimento da indústria paranaense se reduz, como o da brasileira e paulista, com a crise de 1962-67.

No entanto, no final dessa década, estava constituído um quadro favorável para um surto industrial, ocasionado entre outros motivos por:

- existência de uma infra-estrutura econômica;
- mecanismos institucionais de apoio à industrialização através do BADEP;
- uma agricultura dinâmica e moderna;
- situação favorável da indústria nacional, especialmente entre 1968 e 1974.

3.1. Localização espacial da indústria

Em 1950 (considerando os 15 municípios de maior valor da produção), o Paraná Velho gerava 59% da produção industrial do Estado, sendo que somente Curitiba representava 37,8% desta produção. Por outro lado, os municípios do Norte do Estado, embora em maior número, geravam 36,4% do valor da produção industrial, destacando-se Londrina (8,4%) e Cambé (7,8%). Esta participação, embora inferior a do Paraná Velho, é bastante significativa, quando consideramos que praticamente a ocupação mais intensa do norte do Estado havia se iniciado a cerca de duas décadas. (Figura 6)



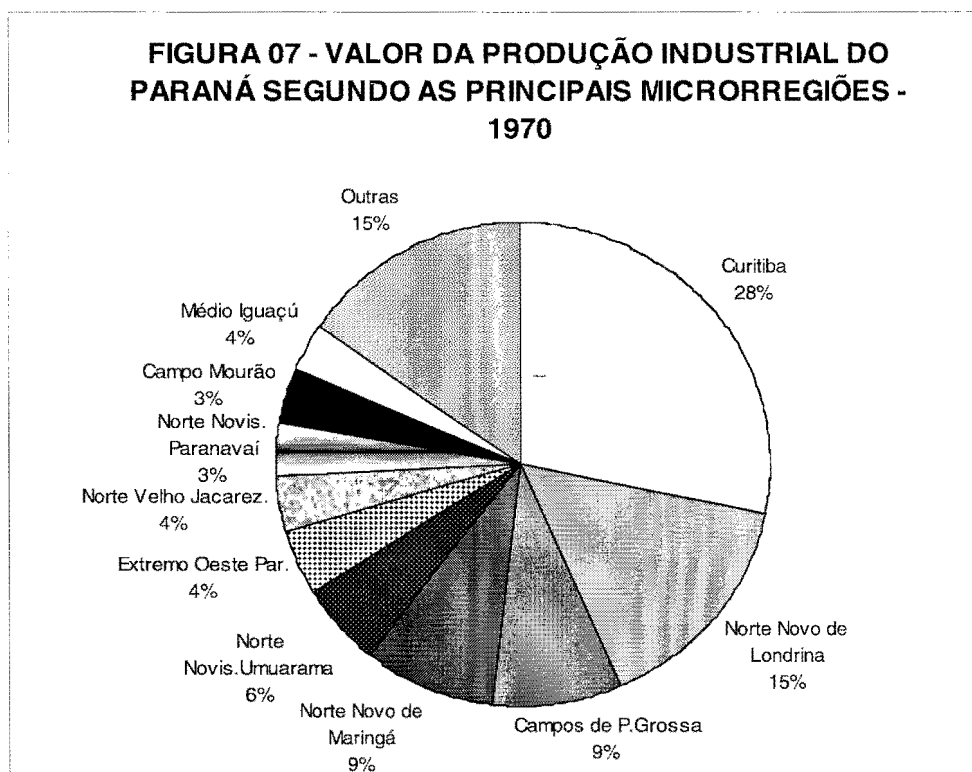
PV= Paraná Velho N= Norte do Paraná
Fonte dos dados: Prod. Ind. do Estado do Paraná - 1950
Org.: Claudio R. Bragueto

No final da década de 1960, o quadro se apresenta razoavelmente modificado, já que as microrregiões constantes do “Paraná Velho”, representavam em torno de 41% do valor da produção industrial do Estado, havendo uma concentração quase que absoluta nas microrregiões de Curitiba, com 28,3% e Campos de Ponta Grossa com 8,6%.

No norte do Estado, verificamos que a industrialização apresenta um crescimento relativo, representando aproximadamente 46% do valor da produção. Outro fato importante que os dados indicam, é que no Norte do Paraná, a

indústria não se acha tão concentrada como nas outras regiões do Estado. Isto fica evidente, quando verificamos que a microrregião de maior importância, Norte Novo de Londrina, representava 15% do valor da produção e o Norte Novo de Maringá, 9%.

No que se refere ao Sudoeste/Oeste do Estado, notamos que sua participação vem aumentando, representando em torno de 13% da produção industrial, destacando-se as microrregiões do Extremo Oeste Paranaense, com 4% e do Médio Iguaçu com 4%. (Figura 7)



Fonte dos dados: IBGE – Censo Industrial de 1970

Org.: Claudio R. Braguetto

4. A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ NA DÉCADA DE 70

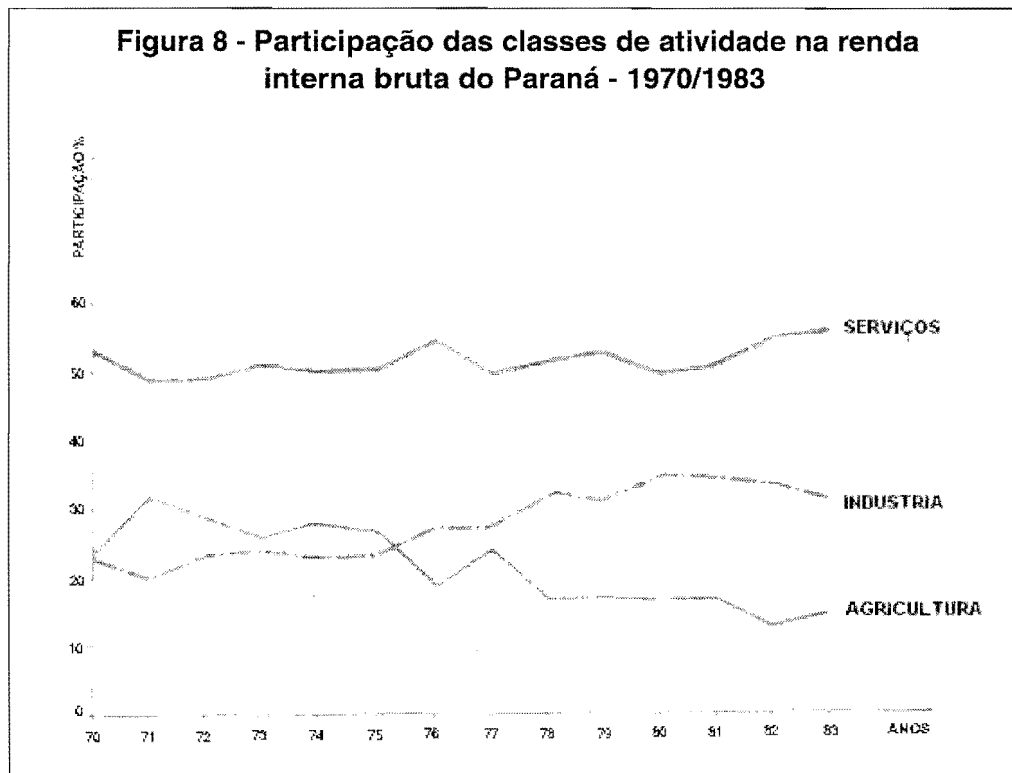
Nos anos 70 a indústria paranaense vai passar por transformações marcantes:

- a) estruturalmente há uma diversificação dos gêneros industriais, com uma queda relativa daqueles mais tradicionais;
- b) acontece uma elevação da participação de novos gêneros, como a metalurgia, a mecânica, material elétrico e de comunicações e material de transporte;

- c) em boa parte dos gêneros há uma ampliação na escala de produção, utilizando tecnologias mais avançadas, resultando num aumento da produtividade;
- d) surgem, ainda que timidamente, relações de compra e venda no próprio Estado, aumentando os fluxos interindustriais;
- e) ocorre a conformação de oligopólios, como resultado da penetração de capital estrangeiro e da extensão de outras indústrias já radicadas no Brasil.

É neste contexto que o crescimento industrial torna-se líder do crescimento econômico do Estado, passando de 22,72% (incluindo a construção civil) da renda interna em 1970 para 33,94% em 1980. Enquanto isso, a agricultura, que em 1970 teve uma participação na renda interna de 23,32% e se manteve com maior

importância que a indústria até 1975, chega em 1980 gerando apenas 16,41% desta renda (Figura 8). Como conseqüência, a indústria paranaense, que em 1970 tinha uma participação de 3,56% no total da indústria nacional, em 1980 chega a 6,77%. (vide Figura 1)



Fonte: IPARDES

Neste contexto, os gêneros tradicionais, sem deixar de crescer, vão perdendo importância relativa, principalmente a madeira, que, de uma participação no valor adicionado de 22,5% em 1970, cai para 14,56% em 1979; e produtos alimentares que respondia por 23,67% da produção em 1970, caindo para 17,03% em 1979. A indústria química foi a principal responsável por estas alterações em termos relativos, já que passa de apenas 2,54% em 1975 para 30,21% em 1979. Este crescimento se explica pela presença da PETROBRAS, que naquele ano gerou 18,9% do valor agregado da indústria no Estado. (ver Figura 3)

Se, com relação à importância dos gêneros industriais as alterações não foram tão intensas na década de 70, o mesmo não se pode dizer quanto às transformações na estrutura interna dos mesmos. Em praticamente todos os gêneros industriais, os ramos mais tradicionais perdem espaço para aqueles que exigem maior elaboração da matéria-prima.

Outro aspecto referente às transformações da década de 70, está relacionado ao incipiente processo de relações interindustriais. Este processo é caracterizado como incipiente, como aponta LOURENÇO (1988, p.5), pelo fato das relações básicas da indústria paranaense continuarem sendo, por um lado, com a agricultura e, por outro, com as indústrias de outros estados (especialmente São Paulo).

No entanto, muito embora de forma tímida, as relações de compra e venda entre as indústrias começa a aparecer. Segundo o IPARDES (1982, p. 46), em estudo realizado em 1974, com base no IPI, referente a todas as indústrias da Região Metropolitana de Curitiba, foram detectados 42 fluxos de compras e vendas entre as indústrias. Em 1980, em pesquisa realizada em apenas 37 empresas da Metal-Mecânica da Cidade Industrial, foram registrados 66 fluxos.

Outra transformação significativa na estrutura industrial paranaense se refere ao surgimento de

grandes empresas, com ampla escala de produção, o que resulta num alto grau de concentração da produção industrial.

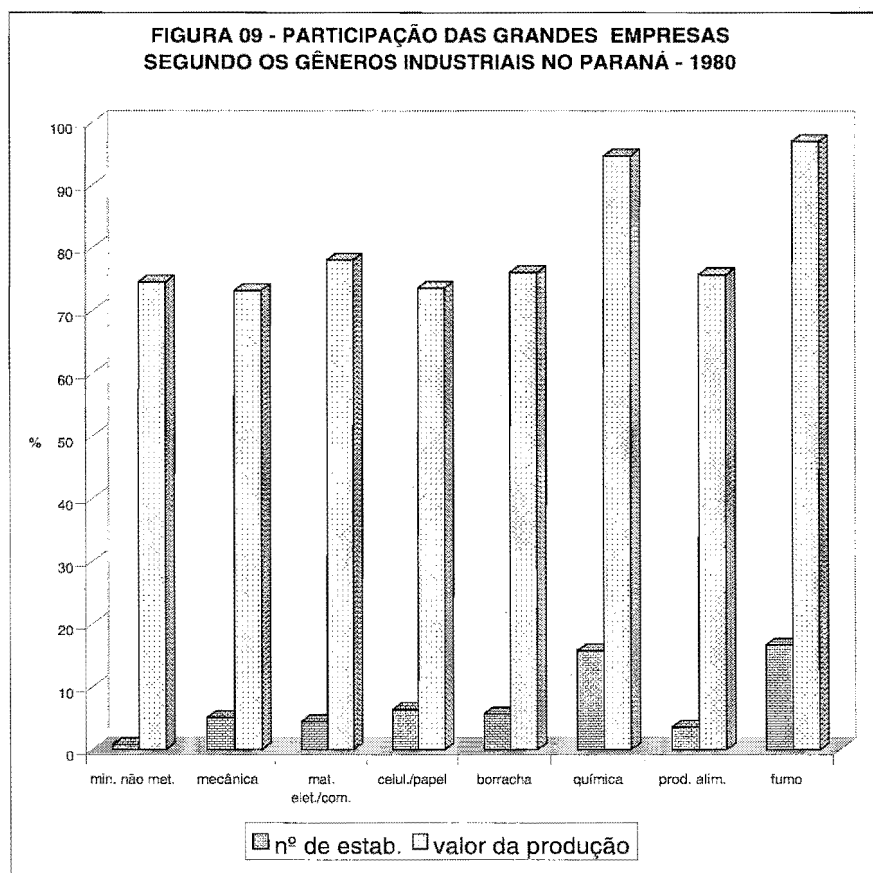
Como consequência, o que se nota é um processo acentuado de oligopolização da indústria, com as grandes empresas, embora representando apenas 2,3% dos estabelecimentos, detendo 73% do valor da produção.

Conforme observação contida no artigo "A ESTRUTURA industrial paranaense" (1982, p.7),

... as grandes empresas geram 'quase todo' o valor da produção dos ramos industriais mais novos, com maior peso relativo no total do valor

da produção da indústria paranaense de transformação. Isso ocorre igualmente em alguns ramos antigos, como o de produtos alimentares, no qual apenas 12 grandes empresas detêm 75% do valor total da produção.

Exemplos marcantes desta situação, conforme a Figura 9, são os gêneros Fumo, onde uma grande empresa concentrava 97% do valor da produção em 1980; o gênero Química em que trinta grandes concentravam 94,7% da produção e o gênero Material Elétrico e de Comunicação, em que seis empresas concentravam 78,1% da produção.



Fonte dos dados: Bol. Anal. Conj., 1982, v. 4, n.9

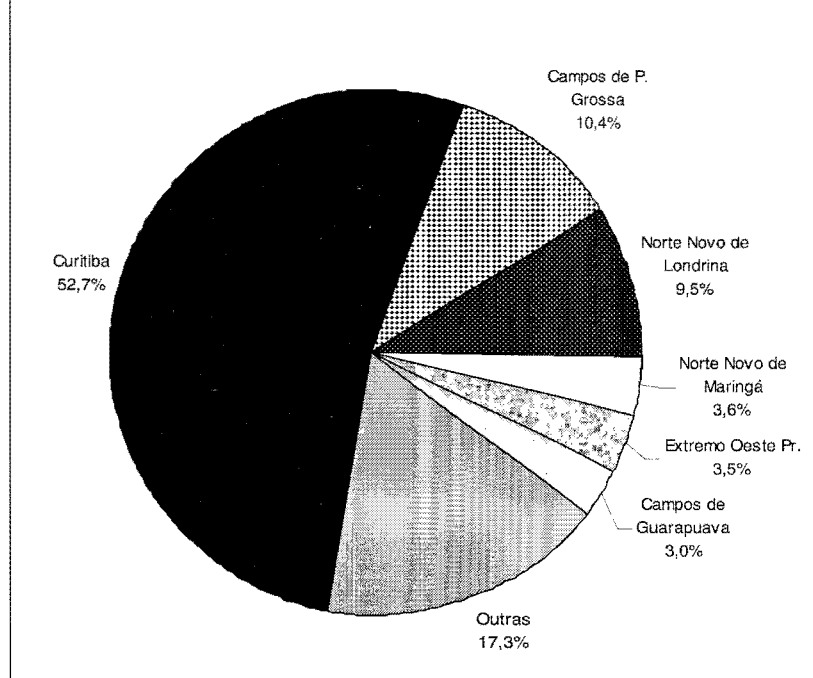
Org.: Claudio R. Bragueto

4.1. Localização espacial da indústria

Quanto à localização espacial, como coloca LOURENÇO (1988, p.6), se até 1975, as informações apontavam para a formação de pelo menos dois pólos industriais no interior do Estado – Londrina e Ponta Grossa –, o aumento da participação de Curitiba, na segunda metade da década de 70, dificulta uma visão otimista sobre uma melhor repartição da indústria paranaense.

De fato, enquanto a Microrregião de Curitiba, passa de 32% do valor da produção industrial em 1975 para 52,7% em 1979, a Microrregião dos Campos de Ponta Grossa, cai no período de 15,6% para 10,4%, enquanto o Norte Novo de Londrina, passa de 14,5% para 9,5% (Figura 10) É importante ressaltar que o crescimento da participação de Curitiba não se explica somente pela implantação da PETROBRAS, pois, mesmo excluindo a produção desta, seu crescimento é significativo.

FIGURA 10 - VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ SEGUNDO AS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES - 1979



Fonte dos dados: IPARDES (1982)

Org.: Claudio R. Bragueto

Desta forma, segundo LOURENÇO (1988, p.7),

... a concentração espacial da indústria paranaense na década de 70 se explica pelas transformações na estrutura industrial, pela interferência do Governo Estadual no processo de industrialização e pelo poder de atração exercido pela região de Curitiba. Interferindo em tudo isso, estaria a política de atração de indústrias implementado no período, elemento decisivo daquele surto industrial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, até o início da década de 30, a indústria paranaense, de uma atividade de pouca importância e vinculada às atividades extrativistas, passa, a partir daí, a estar ligada fundamentalmente à produção agrícola. Porém, embora o setor apresente um crescimento em termos quantitativos, o mesmo se manteve, até o final da década de 60, sem grandes alterações

em termos de participação relativa na economia paranaense e brasileira. Em boa parte isto se deve à pouca mudança qualitativa desta indústria, que se manteve ligada ao primeiro processamento dos produtos agrícolas e madeira.

A criação da CODEPAR em 1962, teve importância significativa nas transformações estruturais e na localização espacial da indústria nos anos 70. Além disso, não devemos minimizar também o papel da própria política a nível de governo federal, que além de atuar nas mudanças ocorridas, também participou como produtor, destacando-se a implantação da refinaria de petróleo da PETROBRAS.

Portanto, a atuação do Estado, está atrelada a um processo mais amplo de intensificação das relações capitalistas, que, se por um lado, não chegou a alterar significativamente as principais atividades industriais do estado do Paraná, já que as atividades agroindustriais continuam a predominar; por outro lado, alteraram profundamente a estrutura interna desta indústria, levando ao aumento da escala de produção e oligopolização da mesma.

Nos anos mais recentes, décadas de 1980 e 1990, o Estado do Paraná passa novamente por intensas transformações na sua estrutura industrial, tornando, portanto de fundamental importância novas pesquisas que venham a analisar esta nova fase da industrialização paranaense.

6. BIBLIOGRAFIA CITADA

- AUGUSTO, M.H.O. *Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista*. São Paulo: Símbolo, 1978. 233p.
- CARDOSO DE MELLO, J.M. *O capitalismo tardio*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 182p.
- CARNEIRO, D.A.da S. *A indústria paranaense através das estatísticas oficiais*. Curitiba: IBPT, 1954. 60p.
- A ESTRUTURA industrial paranaense. *Boletim de Análise Conjuntural*, Curitiba, v.4,n.9, p.6-10,1982
- GOLDENSTEIN, L. & SEABRA, M. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. *Revista do Departamento de Geografia da USP*. São Paulo, n.1, p. 21-47,1982.
- IPARDES. *Paraná: economia e sociedade*. Curitiba: 1982. 71p.
- LEÃO, I.Z.C.C. *O Paraná nos anos setenta*. Curitiba: IPARDES/CONCITEC, 1989. 98p.
- LOURENÇO, G.M. O processo de industrialização no Paraná e suas perspectivas. *Análise Conjuntural*, Curitiba, v.10,n.4, p.5-8, abril, 1988.
- PADIS, P.C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: HUCITEC, 1981. 235p.